

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA PAULA DOS REIS

O RECONHECIMENTO DO ARTESANATO LOCAL - GUARATUBA

O RECONHECIMENTO DO ARTESANATO LOCAL - GUARATUBA

2015

MATINHOS

2015

ANA PAULA DOS REIS

O RECONHECIMENTO DO ARTESANATO LOCAL - GUARATUBA

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Artes, Setor de Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lenir Maristela Silva

MATINHOS

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA PAULA DOS REIS

O RECONHECIMENTO DO ARTESANATO LOCAL - GUARATUBA

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Artes, no curso de graduação em Artes, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lenir Maristela Silva

Orientadora – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, UFPR.

Prof^a. Mestre Jorgete Maria Zewe Gemin

Coordenadora da Prática de Formação Docente, Colégio Estadual Gratulino de Freitas.

Prof^a. Dr^a. Luciana Ferreira

Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, UFPR.

Matinhos, 05 de março de 2015

À minha família pela paciência e por toda ajuda que me deram nesta trajetória. Em especial a minha mãe por nunca me deixar desanimar. À minha pequena filha Anita que por muitas vezes se ausentou da minha presença. Agradeço a Deus por todos os momentos felizes e por que não os difíceis? Muitas coisas aprendi com eles, muitos valores guardei e muitas vitórias conquistei.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora professora Lenir, que me orientou além do imaginável. Me ensinou a pensar sobre a vida, a sociedade e o coletivo. Sempre enfatizando sobre o protagonismo que gera ações que geram resultados. Mas, acima de tudo que me ensinou a dividir conhecimentos, olhar para os menos favorecidos e plantar novas sementes.

Ao meu pai e ao Ita por todas as vezes em que precisei e eles me levaram até a universidade.

Aos artesãos de Guaratuba, especialmente aos quais entrevistei, pela atenção e apoio recebido.

O agradecimento ao nosso grupo de pesquisa, aos meus professores com os quais muito aprendi nesta jornada.

Sinto que sou abelha no seu artesanato.
Cora Coralina

RESUMO

No presente trabalho proponho uma pesquisa de reconhecimento da autenticidade do artesanato feito em Guaratuba, no litoral paranaense. A prática artesã na região existe e sobrevive há muito tempo, desde a famigerada colonização portuguesa em nosso país. Parece que as características da produção local estão se perdendo no tempo e é preciso buscar nas raízes da massificação produtiva o que aconteceu para gerar essa evolução relativa a identidade do artesão representada no artesanato desta região. A partir de elementos históricos é possível explicar o desvio de conduta dos artesãos que se corromperam pelo capitalismo, este exigindo a produção em massa para a venda em maiores quantidades dos produtos. Assim, tornando as produções obsoletas e causando um estranhamento para os antropólogos sociais que pesquisam essas culturas. O resgate da autenticidade do artesanato local é fundamental para não se perder a função prazerosa de realizar com amor o seu ofício. Este que foi realizado desde os primórdios pelos nossos homens da mata que produziam com harmonia, sem tornar o trabalho algo distante do bem-estar de todos ao seu redor. O Artesanato é uma atividade de grande valor sociocultural e econômico que envolve uma prática social heterogênea conforme as matérias-primas, as técnicas e instrumentos utilizados dentro de realidades socioeconômicas particulares.

Palavras-chave: Artesanato. Cultura. Identidade. Arte. História.

ABSTRACT

In this paper I propose a craft authenticity of the recognition of research done in Guaratuba, in Paraná coast. The practice artisan in the region exists and survives a long time since the infamous Portuguese colonization in our country. It seems that the local production features are being lost in time and we must find the roots of mass production what happened to generate this development concerning the identity of the represented artisan crafts in this region. From historical elements can explain the misconduct of the craftsmen who have been corrupted by capitalism, this demanding mass production for sale in larger quantities of products. Thus making obsolete productions and causing an estrangement to social anthropologists researching these cultures. The recovery of local handicraft authenticity is crucial not to lose the pleasurable task of undertaking with love your office. This has been accomplished since the beginning by our men of the forest that produced with harmony, without making work something away from the well-being of all around them. The Craft is an activity of great social, cultural and economic value that involves a heterogeneous social practice as the raw materials, the techniques and tools used within particular socio-economic realities.

Keywords: Crafts. Culture. Identity. Art. History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 - ARTESÃO NA FEIRA DE ARTESANATO DE GUARATUBA..... | 18 |
| FIGURA 2 - TIPOS DE ARTESANATOS DA FEIRA..... | 19 |
| FIGURA 3 - ARTESÃ E SEUS ENFEITES ELABORADOS COM CASCA DE COCO, REVESTIDO DE AREIA E CONCHAS MOÍDAS | 20 |
| FIGURA 4 - ENFEITES ELABORADOS COM CASCA DE COCO, REVESTIDO DE AREIA E CONCHAS MOÍDAS CONFECCIONADOS PELA BERNADETE | 21 |
| FIGURA 5 - FILTROS DOS SONHOS ENCONTRADO NA FEIRA DE ARTESANATO DE GUARATUBA..... | 22 |
| FIGURA 6 – CAPELINHAS FEITAS COM CONCHAS DO MAR, NA FEIRA DE GUARATUBA..... | 23 |
| FIGURA 7 - PÁSSARO GUARA REPRESENTADO COM CONCHAS NA FEIRA DE GUARATUBA..... | 24 |
| FIGURA 8 - ENFEITE DE CONCHAS DO MAR E PEIXE DE RESINA NA FEIRA DE GUARATUBA..... | 24 |
| FIGURA 9 - TRABALHO MANUAL MUITO COMUM EM TODO BRASIL QUE NÃO É CONSIDERADO ARTESANATO | 26 |
| FIGURA 10 - PINTURA EM TECIDO ESTAMPADO EM TELA COMUM FEITA PELO ARTISTA GILDÁSIO JARDIM | 26 |
| FIGURA 11 - ARTIGOS DE DECORAÇÃO CONFECCIONADOS COM CONCHAS DO MAR NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA... | 29 |
| FIGURA 12 - PINTURA COM COLAGEM DE CONCHAS QUADROS DE CONCHAS SOBRE TECIDO DE JUTA NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA | 30 |
| FIGURA 13 - PEÇAS EM CIPÓ, LUSTRES, CESTOS E CACHOPOS NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA..... | 31 |
| FIGURA 14 - PEÇAS EM CROCHÊ E TRICÔ NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA | 32 |

| | |
|---|----|
| FIGURA 15 - ADEREÇOS COM COURO DE PEIXE NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA..... | 33 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TEMA EM ESTUDO | 11 |
| 1.2 OBJETIVO..... | 12 |
| 1.3 METODOLOGIA DE PESQUISA..... | 12 |
| 2 O ARTESANATO E A ARTE | 13 |
| 2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO CONCEITUAL DO ARTESANATO E DA ARTE | 13 |
| 2.2 FEIRA DA PRAÇA: SITIO CULTURAL E HUMANÍSTICO..... | 17 |
| 2.3 CASA DO ARTESÃO: ESPAÇO FORMAL DE DIVERSIDADE CULTURAL | 27 |
| 3 O RECONHECIMENTO DO ARTESANATO LOCAL – GUARATUBA | 36 |
| 3.1 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE..... | 36 |
| 3.2 A CONTINUIDADE DO ARTESANATO ATÉ OS DIAS DE HOJE | 37 |
| 3.3 ATÉ ONDE O ARTESANATO É AUTÊNTICO OU PLÁGIO..... | 39 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| REFERÊNCIAS | 45 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TEMA EM ESTUDO

O presente trabalho de graduação interdisciplinar equivale como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Artes, pela Universidade Federal do Paraná. O estudo surgiu da minha paixão pelo artesanato, que culminou no meu projeto de Aprendizagem e, conseqüentemente, nas escolhas das Atividades de Interações Culturais e Humanísticas a cada semestre do Curso.

Neste trabalho tenho como objetivo reconhecer as características regionais dos artesanatos de Guaratuba no Litoral do Paraná. Para isso analiso o contexto histórico destas produções. Como também observo quais materiais utilizados para a produção dos artesanatos. Assim, relacionando as produções com as tradições regionais, buscando entender quais são os fatores que influenciam neste contexto, nas produções dos artesãos.

Diante disso, propus em uma pesquisa de campo realizar conversas informais com os artesãos locais e fazer registros fotográficos dos artesanatos produzidos. Podemos dizer que o artesanato pode ser definido como “um complexo de atividades de natureza manual, através das quais o homem manifesta a criatividade espontânea” (PEREIRA, 1979, p.21).

As pesquisas de campo foram realizadas em dois locais. O primeiro local é a Casa da Cultura, que fica no centro de Guaratuba. O local é muito conhecido e todos os artesãos registrados podem expor seus trabalhos no espaço. O segundo local em que realizei a pesquisa de campo é na feira da praça Coronel Alexandre Mafra, também no centro da cidade.

Quanto a população envolvida no estudo posso dizer que são na maior parte composta por famílias que buscam uma renda fixa ou extra através do artesanato. Contudo ainda é preciso um olhar mais atencioso para esta prática regional valorizando as raízes culturais, estas que muitas vezes são

desacreditadas pelos próprios artesãos, pela desvalorização do produto da cultura local.

A pesquisa foi articulada a partir de autores que esclareceram determinados comportamentos e estilos da produção e venda de produtos artesanais.

1.2 OBJETIVO

O objetivo geral neste trabalho de graduação interdisciplinar é o reconhecimento do artesanato regional descrevendo quais as características intrínsecas, a identidade do artesão fazendo uma abordagem sobre a arte e o artesanato e também o desenvolvimento desta prática no intuito de compreender melhor os valores culturais e a produção do artesanato nesta região.

1.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Considerando que o objeto de estudo é a questão do reconhecimento das características regionais dos artesanatos produzidos no Litoral do Paraná. Utilizei o método de estudo de caso que não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. Assim, na primeira parte da pesquisa contextualizarei historicamente este artesão relacionando com a origem da tradição do artesanato brasileiro e regional.

Na segunda parte do trabalho realizei uma pesquisa de campo na qual tive conversas informais com os artesãos locais, aos quais dei nomes fictícios e fiz registros fotográficos dos artesanatos confeccionados. Também pesquiso sobre a origem dos materiais utilizados para as confecções dos artesanatos e sobre as técnicas de produção, e os principais ornamentos produzidos. Como

também procurei conhecer melhor quem é este artesão, suas atividades e sua qualidade de vida.

Na terceira parte da pesquisa observando as técnicas e materiais utilizados na região e a tradição do ofício, busco relacionar com textos de outros autores a identificação das tradições na confecção do artesanato em Guaratuba. Na última parte do trabalho relacionei as tradições regionais com o contexto histórico ao qual os artesãos estão inseridos e também com as características das suas produções, para realizar uma análise de forma mais completa sobre as produções de Guaratuba articulada com a literatura pertinente.

2 O ARTESANATO E A ARTE

2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO CONCEITUAL DO ARTESANATO E DA ARTE

Desde os tempos mais remotos houve-se falar do fazer manual do indivíduo. O fazer com as mãos construindo algo lúdico e/ou funcional é uma tarefa natural do ser humano desde o surgimento da raça humana.

Eis o que é o artesanato: a obra material do artesão; fruto do seu trabalho realizado através das mãos na confecção de objetos destinados ao conforto do homem, carregados de expressão da cultura, onde a máquina, se utilizada, será apenas ferramenta, nunca fator determinante para sua existência. (CÓRDULA, 2013, p.09).

A tarefa artesanal oferece inúmeras funções das quais nem sempre tomamos propriedade, tornando dúbia a intenção do fazer, ou seja, é arte ou é artesanato? Muitos conceitos são agregados a estas denominações, estudos, teses, reflexões, análises filosóficas, estéticas, enfim, as contestações estão por toda parte, tornando muitas vezes confusa a definição exata do que é arte e o que é artesanato.

Não se pode confundir, no entanto, artesanato com arte. A arte como conhecemos hoje tem a mesma origem do artesanato e, podemos

dizer que grande parcela de sua produção depende dele. Mas não significam a mesma coisa. Sucede que, numa visão Greco-clássica, arte e técnica vêm da mesma raiz linguística. A civilização cuidou de dividir este conceito pois as obras dos artistas da antiguidade clássica equilibravam-se em dois extremos: ou pendiam para o ideal da perfeição, desprovido de alma, ou para o êxtase estético, mas sem compromisso com a maneira de fazer. Aparecem aí dois sentidos opostos de realização: pela perfeição do trabalho: apolíneo (do deus Apolo, protetor do homem como ser físico), ou pela qualidade do sentimento: dionisíaco (do deus Dioniso, ou Baco, deus do vinho, mas também dos sentimentos de êxtase). Esparta e Atenas traduzem bem essa divisão de territórios, uma realizada através do ideal físico do trabalho e outra através do ideal filosófico. O artesanato é nitidamente uma atividade apolínea, heroica, estética, quando assume o conceito do bem-acabado, do bem feito. A arte independe disto. Mesmo a estética clássica que norteou o Renascimento e suas consequências, não vigorou na modernidade e na contemporaneidade. A arte é vista hoje muito mais por seu conteúdo ético do que estético. (CÓRDULA, 2013, p.11).

Assim podemos entender que “os objetos artesanais carregam a identidade e a tradição cultural de seus autores, sejam tradicionais ou contemporâneos” (CÓRDULA, 2013, p.10).

O artesão é aquele que sabe fazer, o artista aquele que cria, inventa, concebe, um depende do outro no momento em que a criação necessita de realização física, a presença de uma obra de arte de pintura, por exemplo, somente é possível se o artista utilizar o artesanato da pintura pra dar à luz seus sentimentos. Em todo artista que trabalha com as mãos existe um artesão. (CÓRDULA, 2013, p.11).

Também podemos pensar um pouco mais sobre o que disse Cordula em seus ensaios:

Desde que a aventura neoliberal passou a assolar nossas vidas a palavra artesanato saiu do repertório econômico, social e cultural. A partir daí o desprezo com a cultura do povo tem sido perversamente estratégico, desvalorizando a identidade cultural, fator complicador dos negócios globalizados que exigem produtor enquadrados em normas dirigidas a um tipo de mercado que se caracteriza por “zero expressão”, planejado para não provocar nenhum esforço mental diante do ato de comprar, e orientado na direção do baixo preço, facilitando sua massificação. Esta estratégia introduz o conceito de que, do ponto de vista do produto, o uso é mais importante do que a beleza e muito mais importante do que a tradição cultural. Isto significa que um recipiente de plástico será, em tese, melhor do que um de cerâmica, pois é mais barato e substitui grande parte das funções do outro e, ainda mais, sua fabricação e distribuição no mercado atende aos acordos estabelecidos em função da expansão do sistema financeiro, como conhecemos hoje, fortemente excludente do ponto de vista social e injusto no âmbito

das relações de trabalho. Um sistema que não leva em conta as diferenças entre povos e nações. (CÓRDULA, 2013, p.09).

Contudo sob a ótica da filosofia, Abbagnano define arte segundo Platão como:

Todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer. [...] era nesse sentido que Platão (428/7- 348/7 a.C.) falava de arte, e por isso, não estabeleceu distinção entre arte e ciência. Aristóteles restringiu notavelmente o conceito de arte. [...] retirou do âmbito da arte a esfera da ciência, que é a do necessário, isto é, do que não pode ser diferente do que é. Em segundo lugar, dividiu o que não pertence à ciência, isto é, o possível [...] no que pertence à ação e no que pertence à produção. Somente o possível que é o objeto de produção é objeto da arte. Nesse sentido, disse que a arquitetura é uma arte; e a arte se define como hábito, acompanhado pela razão de produzir alguma coisa. (ABBAGNANO, 2007, p. 92-93).

Segundo o site do governo do Estado do Paraná:

O artesanato paranaense é muito rico e diversificado, com diferentes especialidades e técnicas produtivas, com traços de várias etnias que para cá vieram, existindo no Estado cerca de 12.000 microempreendedores artesanais. Imigrantes alemães, poloneses, italianos e portugueses, que tinham suas atividades relacionadas ao artesanato do mundo rural ou na carpintaria, marcenaria, forja, moagem e olaria, através das matérias-primas que a natureza oferecia em abundância, implementaram novas técnicas e se utilizaram da arte e habilidade para criar novos produtos e gerar seu sustento. Pode-se dizer então que a atividade artesanal no Estado está hoje dividida em dois setores distintos, ou seja, a nativa (ou indígena) e a aculturada (ou de influência europeia), cada uma com suas peculiaridades apresenta variados tipos quanto ao material utilizado, formas e processos de fabricação. O Artesanato Indígena foi gerado para atender essencialmente as necessidades da tribo. A utilização das cores e a expressão dos movimentos são marcas dos objetos artesanais indígenas que demonstram a importância que o índio dá a estética. O uso de matérias-primas como a palha, o barro, as fibras vegetais e a madeira destacam-se nos objetos confeccionados (cestarias e utensílios em barro e madeira). Por outro lado, a imigração europeia legou aos paranaenses as bonecas feitas em palha de milho, bordados, objetos em marchetaria, entalhe, palha de trigo e tecelagem. (PARANÁ, 2015, s.n.).

Do ponto de vista classificatório, Bolognini (1988) divide o artesanato em:

- a) erudito aquele que ocorre quando se tem o artesanato dirigido e ensinado;
- b) folclórico quando a atividade artesanal é exercida de forma espontânea e o conhecimento de materiais e técnicas é transmitido por herança e

pela história oral. Considera-se que este último tem particularidades constitutivas da formação social de uma comunidade, de seu tempo e espaço.

Analisando o artesanato conforme Barroso Neto (2000, p. 5), sob a perspectiva de funções e finalidades vamos observar suas cinco modalidades, que são:

- a) utilitário: são em geral ferramentas e utensílios desenvolvidos para suprir carências e necessidades das populações de menor poder aquisitivo;
- b) conceitual: são objetos cuja finalidade principal é o de externar uma reflexão, discurso ou conceito próprio de quem o produz, seja este um indivíduo ou comunidade;
- c) decorativo: são artefatos cuja principal motivação é a busca da beleza, com a finalidade de harmonizar os espaços de convívio;
- d) litúrgico: são produtos de finalidade ritualística destinados a práticas religiosas ou místicas;
- e) lúdicos: são produtos destinados ao entretenimento de adultos e crianças intimamente relacionados a práticas folclóricas e tradicionais.

Também o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) classifica o artesanato em:

- Artesanato indígena: objetos produzidos no seio de uma comunidade indígena, por seus próprios membros; em sua maioria, resultantes de uma produção coletiva, incorporada ao cotidiano da vida tribal.
- Artesanato tradicional: conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo representativo de suas tradições. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos vizinhos e sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositário de um passado, acompanhando histórias transmitidas de geração em geração.
- Artesanato de referência cultural: produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e designers, em parceria com os artesãos, sempre preservando seus traços culturais mais representativos.
- Artesanato conceitual: objetos produzidos por pessoas com alguma formação artística, de nível educacional e cultural mais elevado,

geralmente de origem urbana. Tem na inovação o seu elemento principal. Por detrás desses produtos existe sempre uma proposta, uma afirmação sobre estilos de vida e de valores. (SEBRAE, 2004, p. 8)

A partir da identificação dos diferentes tipos classificatórios de artesanato, percebe-se sua importância social adquirida, principalmente por possibilitar melhores condições de vida para diversas comunidades, apresentando-se como estímulo econômico gerador de capacitação de mão de obra e agente de resgate dos traços identitários das culturas dessas comunidades.

2.2 FEIRA DA PRAÇA: SITIO CULTURAL E HUMANÍSTICO

A Feira da Praça Central (FIG 01) é um dos principais pontos de venda de artesanato em Guaratuba está localizada na Praça Coronel Alexandre Mafra, ao lado da Igreja Centenária Nossa Senhora do Bom Sucesso, onde tradicionalmente podemos encontrar a feira de artesanatos. Posicionada numa ruela sem tráfego de veículos, aos pés da Igreja Centenária. A feira possui uma atmosfera bucólica e tradicional típica de cidades pequenas. Antigamente qualquer pessoa podia fazer parte da feira, mas com a nova gestão pública, restringiu-se para que os participantes sejam moradores da cidade de Guaratuba. Alguns destes artesãos moravam em outras localidades e vinham na temporada vender seus produtos. A renda era tão boa que valia o esforço de deslocar toda a família e passar cerca de três meses no litoral trabalhando. Algumas dessas famílias tiveram que mudar definitivamente para a cidade se quisessem continuar na atividade.

Todos os dias, durante a temporada de verão, a partir das 16h é possível ver o movimento que vai se formando, na medida em que os artesãos montam suas barracas. Sob supervisão da Secretaria de Turismo e Cultura de Guaratuba, recentemente foram instaladas novas barracas padronizadas atendendo a reivindicação dos artesãos. O elenco que compõe a feirinha de artesanato da praça é formado por uma gama eclética de pessoas que buscam uma renda fixa ou extra com a venda do artesanato.



FIGURA 1 - ARTESÃO NA FEIRA DE ARTESANATO DE GUARATUBA
FONTE: GUARATUBA (2015)

Alguns vivem exclusivamente da atividade (FIG.01 e 02) e não possuem outra renda, sustentam suas famílias somente com a venda dos artesanatos que produzem, e muitas vezes a família toda participa da produção e da venda destes objetos. Em outros casos, o artesanato serve para obtenção de uma renda extra, ou seja, a pessoa possui outra atividade remunerada e tem essa atividade para complementar a economia do lar. Neste caso há muitos aposentados que buscam uma melhor qualidade de vida produzindo e vendendo suas peças.

Há também o caso das donas de casa que obtiveram sua independência financeira com a venda das suas composições, como pintura em panos de prato, crochê, tricô, confecção de objetos de decoração, entre outros. Essas mulheres tornaram-se autônomas, deixando de depender do marido para suas despesas pessoais, inclusive, até ajudam na renda familiar.



FIGURA 2 - TIPOS DE ARTESANATOS DA FEIRA
FONTE: GUARATUBA (2015)

Os artesãos utilizam suas próprias técnicas de trabalho manual. Quanto aos produtos visualizados na feira, são todos feitos aqui mesmo em Guaratuba, segundo a fala dos artesãos. Há uma variedade de produtos, pois existe uma regra em que não pode haver vários artesãos com o mesmo tipo de artesanato e que é permitido no máximo dois artesãos por atividade. Na feira podemos encontrar: bordados, óleo sobre tela, brinquedos, tererê e tatuagem de “henna”, dentre outros.

Durante a entrevista com as famílias de artesãos conheci uma que vive exclusivamente do artesanato. Moravam em Ponta Grossa – PR e mudaram para Guaratuba, pois com as novas regras da prefeitura para expor seus produtos na feira necessitam ter residência no município. Assim passam o ano todo produzindo e vendem principalmente durante o verão. Outra época em que expõem seus produtos é na Festa do Divino, que acontece no inverno, também na praça central. O trabalho da família de artesãos era exclusivo com sementes, as quais colhiam na mata atlântica, deixavam secar, tratavam e depois confeccionavam pulseiras, brincos, colares e outros artefatos criados. O trato com as sementes também é uma questão delicada, exige atenção o ano todo para não juntar microrganismos, segundo Dona

Bernadete. Segundo ela isso tirava tempo, onde poderia estar produzindo outras coisas.

Assim podemos notar que uma das características do artesanato desta região é o uso de matéria prima local, típica desta paisagem. Há cerca de trinta anos essa família vive do artesanato. Chegou a importar seus produtos daqui mesmo de Guaratuba. Conheço o trabalho deles há muitos anos, e notei que do ano de 2014 para o ano de 2015 houve uma mudança no perfil de sua linha de produção. Ao perguntar o motivo pelo qual não trabalham mais exclusivamente com as sementes, cujo material era retirado livremente da natureza, sem custos, e com o diferencial da autenticidade pela poética única desenvolvida na elaboração das peças, obtive a resposta da Dona Cecília que alega não haver mais compradores para os produtos.



FIGURA 3 - ARTESÃ E SEUS ENFEITES ELABORADOS COM CASCA DE COCO, REVESTIDO DE AREIA E CONCHAS MOÍDAS
FONTE: A autora (2015).

O consumidor perdeu a sensibilidade na apreciação do produto artesanal autêntico. “Preferem artigos com pedras industrializadas”, conta a artesã. Passaram então a confeccionar peças com materiais sintéticos, contas e miçangas compradas em lojas de armarinhos. Córdula (2013) justifica esse problema com a entrada do neoliberalismo e a globalização em nosso país que culminou na construção do desprezo com a cultura do povo e a desvalorização da identidade cultural. Os negócios globalizados infelizmente exigem produtos enquadrados em normas dirigidas a um tipo de mercado que se caracteriza por “zero expressão”, processado para não provocar nenhum esforço mental diante do ato de comprar, e orientado na direção do baixo preço, facilitando sua massificação.

A família da artesã Cecília também desenvolveu um outro tipo de artesanato que é a sobreposição de capelinhas de madeira reutilizadas de caixa de frutas das feiras com areia da praia e conchinhas do mar coladas. O acabamento é feito com imagens de santos, peixes, tartarugas, sapos e bonequinhas de resina (FIG. 03 e 04). As vendas aumentaram e a família pode continuar no ramo. Possuem duas barracas de venda dos produtos, segundo eles, uma paga as contas do supermercado, água e luz, a outra paga os impostos e despesas extras.

Diante disso, é possível constatar que em função da necessidade de uma maior renda, muitas vezes os artesãos optam por alterarem sua produção. Nesse caso, observamos que há uma falta de apoio e divulgação com uma política pública do município que apoiasse a produção do artesanato tipicamente regional, esse problema poderia estar sendo superado com a valorização da cultura local.



FIGURA 4 - ENFEITES ELABORADOS COM CASCA DE COCO, REVESTIDO DE AREIA E CONCHAS MOÍDAS CONFECCIONADOS PELA BERNADETE
FONTE: A autora (2015).

Outra artesã que entrevistei trabalha com cipós e fios, confecciona Filtro dos Sonhos (IMAGENS 5 e 6). Perguntei a ela o que a influencia na produção do Filtro dos Sonhos, ela respondeu que o motivo é porque existe uma grande procura pelo ornamento gerando maior renda no final do mês.



FIGURA 5 - FILTROS DOS SONHOS ENCONTRADO NA FEIRA DE ARTESANATO DE GUARATUBA

FONTE: A autora (2015).

Além dos tramados originais esta artesã coloca seu conhecimento com trançado de fios na técnica do macramê e reinventa o Filtro dos Sonhos – que tem sua origem nas tribos indígenas norte-americanas – e faz um diferencial, o que aumenta a procura por seus produtos. O suporte é feito com cipós colhidos da mata atlântica, os fios são comprados, de algodão. Os demais ornamentos são as pedras, as sementes, e as penas que também são compradas. Sobre a origem do Filtro dos Sonhos:

O Filtro dos Sonhos é um artefato indígena nativo americano originado na tribo dos Ojibwa. Durante o movimento de revitalização cultural indígena dos anos 60 e 70, foram adotados por nativos americanos de diversas nações. Na confecção do Filtro dos Sonhos, pode ser colocada uma pena no centro, abaixo, simbolizando a respiração, o elemento ar, e em alguns é colocado no centro uma pedra ou cristal. Tudo o que é colocado possui um significado. O Centro da Teia Corresponde ao Grande Mistério, o Criador, a Força que abrange o Universo inteiro. (Natureza Divina, 2015, p.01).

Continuando a pesquisa entrevistei uma artesã que vive de seu ofício, ou seja, tem como renda própria o trabalho com o artesanato, já o marido tem outro emprego, mas ela tem sua renda exclusiva do artesanato. Também veio de outra cidade para residir em Guaratuba. Além dos Filtros dos Sonhos a

artesã confecciona Capelinhas de Santinhos com conchas coletadas na praia, compra as imagens dos Santos e coloca no trabalho, (FIG. 06).



FIGURA 6 – CAPELINHAS FEITAS COM CONCHAS DO MAR, NA FEIRA DE GUARATUBA
FONTE: A autora (2015).

A artesã Beatriz trabalha há muitos anos com artesanato nesta feira, sempre foi moradora de Guaratuba, antes dependia da renda do marido que é mecânico. Diz que não pôde estudar, pois se casou muito cedo e logo teve três filhos. Aprendeu o ofício de entalhe em madeira e por muito tempo vendeu placas com nomes, dizeres e desenhos. Hoje ela trabalha com outro tipo de artesanato, diz ela que o entalhe prejudicava muito a coluna, os braços e as mãos. Ela confecciona agora enfeites com conchas do mar, areia, pedras, sementes, entre outros. Dentre os trabalhos dela encontrei uma representação do pássaro Guará, apenas uma peça (FIG. 07). Perguntei por que ela não faz mais com os temas locais, ela disse que não vende muito, mesmo assim insiste em fazer pelo menos algumas peças para ligar seu trabalho as raízes culturais da cidade.



FIGURA 7 - PÁSSARO GUARA REPRESENTADO COM CONCHAS NA FEIRA DE GUARATUBA
 FONTE: A autora (2015).

As demais criações da artesã são imagens de santos, peixes, galinhas e outros de “fácil saída”, como diz a artesã Beatriz. (FIGURA 08).



FIGURA 8 - ENFEITE DE CONCHAS DO MAR E PEIXE DE RESINA NA FEIRA DE GUARATUBA
 FONTE: A autora (2015).

Quase todos os artesãos da feira da praça produzem algo com conchas e Santos como Nossa Senhora Aparecida, dizem que vende muito. Perguntei o porquê de não trabalharem com a Santa padroeira da cidade, que é nossa Senhora do Bom Sucesso, mais uma vez alegam que precisam produzir apenas o que vende. Para definir e caracterizar o trabalho artesanal, Martins aponta quatro pontos a se destacar:

- 1- Como sistema de trabalho que engloba diversos processos artesanais, o artesanato assinala um avanço cultural e só apareceu como consequência da divisão do campo ocupacional no período histórico em que a precisão de meios de subsistência e os hábitos de vida em sociedade passaram a exigir maior produção de bens;
- 2- Sendo o artesanato uma manifestação da vida comunitária, o trabalho se orienta no sentido de produzir objetos de uso mais comum no lugar, seja em função utilitária, como lúdica, decorativa ou religiosa;
- 3- O artesanato é um sistema de trabalho do povo, se bem que pode ser encontrado em todas as camadas sociais e níveis culturais;
- 4- O artesanato é prático, sendo informal sua aprendizagem. O que o artesão faz, cria-o ele próprio, ou aprendeu na tenda artesanal da família ou do vizinho, observando como este fazia, pela vivência e pela imitação, vendo-o trabalhar. (MARTINS, 1973, p.57).

O fazer artesanal não é necessariamente resultado de contextualização no sentido crítico (FIG 09), mas sim com intenção específica para sua função. Essas condições, no entanto, não impedem que uma peça de feitiço manual não possa ser arte (FIG 10). A constituição do artesanato, em si, dar-se-á pelo domínio da técnica de transformar matéria prima bruta ou manufaturada em um trabalho estético bem elaborado, um produto bem-acabado.



FIGURA 9 - TRABALHO MANUAL MUITO COMUM EM TODO BRASIL QUE NÃO É CONSIDERADO ARTESANATO
 FONTE: [HTTP://MY63.COM/PANO/PANO-DE-PRATO-PINTADO-4.HTML](http://my63.com/pano/pano-de-prato-pintado-4.html)



FIGURA 10 - PINTURA EM TECIDO ESTAMPADO EM TELA COMUM FEITA PELO ARTISTA GILDÁSIO JARDIM
 FONTE: PERFIL DO FACEBOOK DO ARTISTA GILDÁSIO JARDIM [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/GILDASIO.JARDIM?PNREF=STORY](https://www.facebook.com/gildasio.jardim?pnref=story)

Segundo o Programa do Artesanato Brasileiro:

“no artesanato, mesmo que as obras sejam criadas com instrumentos e máquinas, a destreza manual do homem é que dará ao objeto uma característica própria e criativa, refletindo a personalidade do artesão

e a relação deste com o contexto sociocultural do qual emerge”. (PAB, 2012, p.12).

O processo artesanal está ligado à produção manual de peças únicas ou, pelo menos, de peças que fazem parte de uma pequena série, que fogem da padronização pela interferência de fatores imprevisíveis, como o estilo individual de cada artesão ou mesmo pelo uso dos materiais, que podem apresentar variações. Canclini conceitua hibridismo da seguinte maneira:

[...] é conjuntamente contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagem. O sincretismo de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial. Aquilo que útil em algumas pesquisas para abranger. (CANCLINI, 1999, p. 28).

Ainda, segundo Canclini, o hibridismo é um fenômeno comum, apontando como exemplo objetos ou bens simbólicos como utensílios, máscaras ou tecidos que se enquadram como bens artesanais. Esses exemplos são chamados de hibridização cultural, ou seja, aqueles que geram possibilidades tanto para o design quanto para outras manifestações culturais.

O artesanato apresenta uma característica de produto utilitário, relacionada com a sua própria origem e que determina o sentido de sua existência. Bolognini, como vimos anteriormente classifica o artesanato em “erudito”, que ocorre quando se tem o artesanato dirigido e ensinado e o “folclórico”, quando a atividade é exercida de forma espontânea, o conhecimento de materiais e técnicas é transmitido pela herança e pela história oral, sendo esse último o que considera as particularidades constitutivas da formação social de uma comunidade, de seu tempo e espaço.

Nesse sentido percebo que a globalização toma conta do formato dos produtos para venda. Vemos que não há a valorização do referencial local. Os temas tomam forte proporção do que está na moda, e não no regional.

2.3 CASA DO ARTESÃO: ESPAÇO FORMAL DE DIVERSIDADE CULTURAL

Na visita a Casa do Artesão (FIG. 11), percebi que a maioria dos artesanatos vendidos são confeccionados utilizando como matéria prima as conchas do mar. Até mesmo quadros pintados tem depois de prontos coladas conchas formando paisagens como de praias e flores (FIG. 12). Muitos objetos são construídos de maneira híbrida, utilizando diversos materiais e na sua grande maioria, unindo elementos da natureza como a concha e a areia da praia com peças compradas em lojas de armazinhos, como bonecas de resina, santos de gesso, botões, biscuit, entre outros.

A impressão que eu tenho sobre estas peças é que são de fácil saída de mercado. Produzem o que vende mais. Objetos pequenos, de baixo valor são muito mais fáceis de vender e também mais fáceis de transportar, já que o consumo destes artigos é feito quase que exclusivamente por turistas, pessoas que estão de passagem e querem levar uma lembrança da cidade de Guaratuba. Em quase todas estas peças pequenas está escrito a frase “Lembrança de Guaratuba”.

Muito pouco vi retratações da cultura e história da cidade, quase não há ilustrações do pássaro guará, que deu origem ao nome da cidade, também não encontrei imagem da padroeira da cidade, Nossa Senhora do Bom Sucesso, mas sim muito se vende de outros santos, mais conhecidos em todo território brasileiro, como Nossa Senhora Aparecida, Iemanjá, São Jorge, entre outros.

Para eu este fato também está ligado à procura dos clientes, que compram mais o que já conhecem, deixando a nossa cultura local ser cada vez mais sendo colocada de lado, podendo até ser esquecida ou nem ser conhecida legitimamente pelos profissionais do ramo do artesanato muito menos pelos turistas, com a produção de peças de fácil saída, sem levar em consideração o resgate e a valorização da cultura local.

Diante do que vi posso afirmar que a maioria dos objetos contemporâneos são versões transformadas de objetos históricos antigos. No entanto, os produtos estão continuamente sofrendo transformação, frutos do efeito da combinação de diferentes fatores. O artesanato, por exemplo, tem sido afetado e modificado pelos efeitos tecnológicos, pelas mudanças nas

condições sociais, pelos conceitos de marketing e pelas iniciativas de designers.

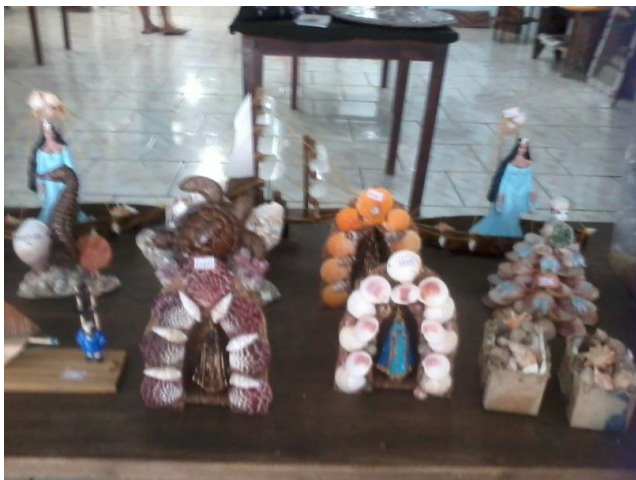


FIGURA 11 - ARTIGOS DE DECORAÇÃO CONFECCIONADOS COM CONCHAS DO MAR NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA
FONTE: A autora (2015).

Podemos destacar que o sujeito pós-moderno desenvolve-se justamente a partir da desestabilização entre a relação do eu com a

sociedade. Assim, esse sujeito define-se como não tendo uma identidade fixa, essencial ou imutável. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2000, p. 16).



FIGURA 12 - PINTURA COM COLAGEM DE CONCHAS QUADROS DE CONCHAS SOBRE TECIDO DE JUTA NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA
FONTE: A autora (2015).

A Casa do Artesão possui um espaço físico considerável, assim na loja estão expostos muitos artesanatos e de diversos estilos. Desde chaveiros até moveis de madeira, brinquedos, utilidades do lar, panos de prato, tapetes, roupas, caixas decorativas, quadros pintados com tinta a óleo, com tinta acrílica, com colagens, quadros com mosaicos de vidro e espelhos, móveis sobrepostos de mosaico com pastilhas de vidro, adereços femininos com pulseiras, brincos, colares, prendedores de cabelo, uma infinidade de produtos dispostos de maneira organizada por categorias como: decoração, têxtil, ornamentação, assim por diante.

Encontrei alguns materiais confeccionados com o cipó, o que também é tradicional na região há muitos anos, e retirado da natureza local (FIG.13).



FIGURA 13 - PEÇAS EM CIPÓ, LUSTRES, CESTOS E CACHOPOS NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA
FONTE: A autora (2015).

Na parte têxtil pude ver muita coisa de crochê, tricô e bordados herança da colonização europeia no Brasil. Tapetes, porta papel, toalhas, toucas, etc. (FIG. 14). Embora sendo originados de outras culturas esse tipo de artesanato também poderia ter impregnado a identidade regional em suas tramas, representando tanto o patrimônio arquitetônico, quanto o socioambiental, mas eu não identifiquei essas características nesses trabalhos.



FIGURA 14 - PEÇAS EM CROCHÊ E TRICÔ NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA
FONTE: A autora (2015).

Outros materiais interessantes e que vem sendo bastante utilizados é o couro e as escamas dos peixes. O curtume é feito aqui mesmo na cidade. A partir dele são confeccionadas belíssimas peças como brincos, colares, pulseiras, caixas decorativas e utilitárias. A escama do peixe também é curtida e utilizada para o artesanato. As escamas também ainda pouco usadas pelos artesãos. Encontrei poucas peças como tiaras, enfeites de cabelo, colares (FIG. 15).



FIGURA 15 - ADEREÇOS COM COURO DE PEIXE NA CASA DO ARTESÃO DE GUARATUBA
FONTE: A autora (2015).

Observei vários trabalhos das artesãs que utilizam como matéria prima as escamas e o couro de peixe na Associação Curtume do Couro do Peixe Ryo e Mar, que reúne dez artesãs, em Guaratuba, que trabalham para transformar em couro o que antes era tratado como lixo. Os restos da pele e

escamas dos peixes viram matéria-prima, utilizada para criar peças com toque artesanal.

A característica sustentável da produção, que alia a preservação do meio ambiente com geração de renda às associadas, ganhou reconhecimento nacional. A Associação Curtume do Couro do Peixe Ryo Mar recebeu, em São Paulo, o Prêmio Planeta Casa 2011, na categoria Ação Social. A premiação é promovida pela Revista Casa Cláudia e pelo Portal Planeta Sustentável, ambos da Editora Abril.

A relação dos produtos deste arranjo com o mundo do trabalho também apresentam algumas especificidades que devem propiciar estímulos à sua produção por parte dos governos e organizações preocupadas com a qualidade de vida de sua população. O produto originário do artesanato por ser produto da criação do artesão nunca é idêntico, apresentando similaridade, porém todo o produto é um produto diferente. Sendo esta a principal estratégia das firmas de crescimento e manutenção no mercado (POSSAS, 2002, p.415).

É importante notar que para o artesão dar valor a identidade regional, pois valoriza o conjunto de suas condições socioambientais intimamente ligadas à sua identidade territorial, respeitando sua evolução ao longo do tempo, através da identificação dos elementos que a tornam única e inimitável. O desenvolvimento de um entorno socialmente favorável, possibilita uma produção de qualidade, com a sofisticação pela incorporação de insumos e técnicas de aprimoramento, ao mesmo tempo em que incentiva os saberes locais, com o resgate e fortalecimento da identidade territorial. No entanto, isso ainda não está acontecendo fortemente em Guaratuba. Se a gestão municipal mais especificamente a secretaria de cultura e turismo se envolvessem com projetos em parceria com o SEBRAE, por exemplo, poderiam proporcionar aos artesãos muita melhoria com relação ao design, identidade e vendas dos produtos. Ações de articulação, capacitação técnica e apoio aos artesões, contribuem para elevar a qualidade de seus produtos destes, bem como de sua renda, proporcionando melhorias na qualidade de vida e possibilitando a permanência destes nos seus ofícios.

Falar de artesanato, ou antes, apresentar uma única definição é, senão impossível, problemático, na medida em que nos remete para

diferentes saberes e referentes culturais, para uma pluralidade de objetos e atividades. Faz parte do imaginário coletivo pensar o artesanato como expressão de tradições populares regionais, associando-o à arte popular, pelo que muitas vezes ouvimos designá-lo como “arte menor”. Progressivamente esta concepção restrita deu lugar a outra, em que o critério de criação artística assume um papel importante, flexibilizando-se as fronteiras entre arte e artesanato. (LEMOS, 2011, p.32)

Segundo uma pesquisa realizada por estudantes da UFPR, esse valor é relativamente baixo, pois o mesmo é diluído ao longo do ano para o sustento das famílias. Apenas uma minoria de artesãos, em torno de 5%, conseguia uma renda de um salário mínimo durante todo o ano, com a produção e venda do artesanato, entretanto, todos os artesãos, financeiramente, dependiam estritamente de bons resultados de comercialização durante a alta temporada.

O motivo da baixa renda pode estar relacionado ao tipo de artesanato produzido. A maioria trabalhava com “artesanato” de manufaturas, com 28% produzindo peças em fios e tecidos, o que muitas vezes não é valorizado como artesanato, mas sim depreciado por ser reconhecido como “industriano” (produção em massa e de baixa qualidade) ou trabalhos manuais. O artesanato com identidade territorial e com matérias primas locais tinha uma baixa representatividade: 14% trabalham com escamas, conchas e couros de peixe, 7% com fibras vegetais e sementes, 10% com madeira; mesmo assim, nem todos os 13 produtos tinham características que remetia à identidade local, desta forma o preço final era baixo e muitas vezes mal calculado, gerando prejuízo aos artesãos.

3 O RECONHECIMENTO DO ARTESANATO LOCAL – GUARATUBA

3.1 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Segundo Hall, a identidade é formada da seguinte forma:

Uma identidade é formada na interação entre o 'eu' e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que os mundos oferecem. (HALL, 2000, p. 11).

Deste modo, o conceito de identidade transita entre o interior do indivíduo e o exterior que o influencia. O indivíduo, com sua identidade própria, é composto não de uma única, mas de várias identidades. A medida que os sistemas formadores de identidade cultural se multiplicam, os indivíduos se esforçam para se identificar de forma única dentro de uma "identidade possível".

Na realidade, a identidade não é consequência direta da diferença cultural, mas das interações dos grupos sociais e dos procedimentos que estes utilizam para apresentar tais diferenciações. O território local passa então a representar os limites físicos de uma determinada identidade cultural, cujas fronteiras são construídas socialmente (FLORES, 2002, p.87).

O próprio conceito de território se refere a uma identidade cultural coletiva. Segundo Teófilo, território:

[...] tende a ser uma microrregião com claros sinais de identidade coletiva compreendendo um número de municípios que mantenha uma ampla convergência em termos de expectativas de desenvolvimento, articulado com novos mercados, e que promova uma forte integração econômica, e social, ao nível local. (TEÓFILO, 2002, p. 47).

Uma quantidade significativa de informação cultural pode ser encontrada em objetos artesanais. De fato é afirmativo encontrarmos rastros da cultura local na elaboração de artefatos nas mais diferentes formas de

apresentação destes artigos. No artesanato de Guaratuba é comum vermos a reprodução de elementos da natureza local, como o pássaro guará, encontrado apenas nesta região do país.

No entanto também há uma reificação preocupante no sentido humano em que se reflete a globalização que massifica o produto de forma a tornar o objeto uma cópia ou adaptação daquilo que o consumidor está procurando, a fim de gerar uma maior receita, vulgarizando a identidade local e transferindo uma função de prazer de construção para comercialização desenfreada e muitas vezes deixando de lado a cultura local.

Produtos artesanais têm sido buscados pelos turistas, à medida que podem ser associados à própria cultura da humanidade desde os tempos mais remotos. E isso pode ser uma forma de resgatar a autenticidade desta atividade tão antiga e importante para nossas raízes. No entanto, é preciso que o produto tenha qualidade, bom gosto e um bom design.

3.2 A CONTINUIDADE DO ARTESANATO ATÉ OS DIAS DE HOJE

A partir deste estudo sobre as práticas artesanais tradicionais e contemporâneas com a questão da construção da identidade dos artesãos e artesãs, podemos dizer que o trabalho e a economia do artesanato estão inseridos nas diversas etapas das cadeias produtivas relacionados à produção artesanal.

Podemos afirmar que o design no artesanato produzido carrega o valor sociocultural e também temos o valor econômico e as relações nas diversas etapas da cadeia do artesanato. Contudo podemos notar que na maioria das vezes o consumidor alega que o produto é caro, porém artesanato é caro, afinal não pode ser comparado a produtos industrializados cujo tempo de fabricação é incomparável.

O fazer artesanal tem suas diversas dimensões como a questão das políticas públicas focadas no artesanato, sua importância, seus avanços e seus entraves. Como o artesanato na sociedade contemporânea tem suas

dimensões socioculturais e econômicas. Pude notar que ainda há necessidade da construção de políticas públicas mais articuladas e dinâmicas.

De um lado identificamos o valor econômico, o preço atribuído às peças produzidas, simbolizando o potencial econômico atribuído ao artefato e por outro, o imaginário das artesãs em relação ao artesanato, caracterizando o valor simbólico da sua produção, sua ligação com a natureza e o pertencimento a um sistema de conhecimento local. A categoria do valor é como uma instância inerente ao artefato, que o substitui nos momentos de troca, econômicas ou simbólicas. Assim, o valor existe quando há a possibilidade da permutabilidade, em que o artefato é imbuído por representações, de quem o produz e de quem o consome.

Antigamente para o artesão, assim como para o artista, cabia a função da concepção e execução de objetos únicos, com suas mãos hábeis imprimia seu estilo próprio na confecção de peças exclusivas. A partir do século XVIII, o modo de proceder industrial, pelo qual a lógica de acumulação de capital passa a ser exercida pela produção industrial tornou antagônicos os conceitos de arte pura por não se esperar o uso da máquina para a produção artística e ou artesanal. A mecanização que surgiu com as novas indústrias fez com que a produção de objetos seja em larga escala, com novas matérias, novas técnicas, e a confecção tornou-se também mais fácil, mais rápida, acompanhando o mercado de consumo. Vejamos o que Niemeyer escreve sobre este momento histórico:

"Nos anos 50, os industriais brasileiros sequer sabiam direito o que era design". Com o crescimento da atividade econômica e industrial brasileira, nessa época, surge a necessidade de formar profissionais com a qualificação adequada para suprir a demanda por projetos de produtos e de comunicação visual. Surgia também a concepção da importância de criar uma linguagem original, com elementos visuais próprios, oriundos da nossa cultura, com signos próprios, mas de leitura universal. Uma das soluções mais interessantes da inserção do design no Brasil surgiu na área do mobiliário, na sequência de propostas nacionalistas de Joaquim Tenreiro e Sérgio Rodrigues, na segunda metade do século XX. (NIEMEYER, 2000, p.63).

Para manter a pureza da elaboração de objetos artesanais os criadores devem constituir a paisagem da vida cotidiana, compreendendo em sua

totalidade uma complexa trama de funções e significados, na qual nossas percepções do mundo, nossas atitudes e senso de relacionamento com eles estão intimamente entrelaçados.

3.3 ATÉ ONDE O ARTESANATO É AUTÊNTICO OU PLÁGIO

Ao pressupormos que uma identidade local deve ser baseada em sua história e características culturais locais, o artesanato deve conter em sua essência a função de transmitir sua autenticidade. De que vale copiar um objeto de arte com características nacionais e até globais se estamos falando da cultura de Guaratuba?

À medida que um objeto se aperfeiçoa e exaure a sua aplicação prática, acentua-se a exigência de que seja mais refinado, original, primoroso e agradável aos sentidos. Aí sim pode buscar técnicas para o feitiço do artefato. Não se torna uma cópia. Mas uma medida de aprimorar sua produção sem perder suas raízes.

Fica claro que se deve considerar toda uma diversidade eminente em todo o país, e que está entrelaçada explicitamente, no entanto enfatizar os costumes locais torna o fazer valoroso e traz à tona a essência do artesanato. O artesão deve buscar transmitir o que foi aprendido com seus antepassados, o que está no seu cotidiano e não buscar reproduzir cópias a fim de apenas reproduzir o que os outros fazem, com o objetivo de gerar um maior lucro. Apenas com a valorização da cultura da região poderão expressar seus valores de maneira única e autêntica.

A linguagem visual adotada no projeto de um produto reflete um universo semântico e simbólico que o “designer-artista” decidiu comunicar através deste produto. Os objetos comunicam algo ao expressar um repertório semântico sobre elementos da cultura, da funcionalidade, dos benefícios e do valor do produto, sejam estes oferecidos por funções práticas, estéticas ou por funções simbólicas (MAGALHÃES, 1997, p.32)

Assim posso dizer que as produções que remetem ao que é local são autêntica e as construções a partir de estereótipos externos que são

consideradas plágio, pois está reproduzindo algo de proveniente de outra cultura e não valorizando as raízes do local. A concepção adotada foi aquela que imbricou autores e pesquisadores, de diferentes áreas, não abrindo mão de uma abordagem sócio antropológica e de um viés psicossocial – entendendo, desta forma, a Geografia também como uma ciência social. O sociólogo Creedy, explica que:

Quando um pesquisador utiliza elementos extraídos da literatura ou de obras de arte em geral, admite, implicitamente, um alto grau de correspondência entre tipos de fenômenos concernentes a dois níveis da atividade humana – o real e o imaginário. Quando obras de artes são analisadas é preciso levar em consideração termos como estrutura social, cultura e personalidade. A estrutura social expressaria uma série de traços formais e estilísticos, constituindo um dos caminhos para estabelecer significados à arte. (CREEDY, 1975, p. 15).

A cultura, para o autor Creedy, por desafiar qualquer definição breve, resumidamente se referiria às crenças, opiniões, conceitos, valores e normas dentro de uma sociedade. No entanto, ela seria essencial para entender a cultura na qual a obra analisada está inscrita, inclusive os eventos exteriores e interiores que intervêm na produção, fruição e análise da mesma. O conceito de estrutura de personalidade, segundo Creedy, muitos estudiosos relutam em trabalhar, é um importante instrumento interpretativo em qualquer investigação sociológica pois, apesar de ser a personalidade do artista mais pertinente ao estudo da psicologia da arte, isto não significa que ela não seja um determinante importante no estudo de sua obra.

Assim posso dizer que dos artesanatos produzidos em Guaratuba há muitas razões para afirmar que na sua maioria os motivos remetem a cultura e ambiente local. Porém com a intensa procura por ornamentos menos valorizados do ponto de vista que não remetem ao que é regional, e procurando atender a esses pedidos do público, com isso o artesão vai trocando o seu fazer característico das suas tradições e passa a produzir plágios de culturas distintas, o que gera um processo inverso de credibilidade e valorização do seu produto.

Entretanto, esses são alguns dos problemas que encontro no decorrer do trabalho. Tenho notado que os artesãos de Guaratuba persistem em

produzir com referencial local. Mas o que tem acontecido é que o turista que é o principal público do artesanato, ou por não conhecer a história da cidade, ou por outros motivos, na maioria das vezes desprezam a arte com referencial local, inclusive sugerindo outros temas para suas produções. Noto em princípio que há uma falta de consciência de cultura regional. Como também promoção cultural da gestão municipal para a divulgação e valorização da nossa cultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso ficou evidente a problemática que foi a baixa participação dos artesãos em feiras e eventos de artesanato regional. Muitos artesãos ainda não haviam participado destes. Esse dado é preocupante por dois motivos: de um lado, mostra o desinteresse dos artesãos em se fortalecerem como classe para exigirem dos poderes municipais a abertura e o acesso a mais eventos desta natureza; e de outro, destaca a baixa promoção de eventos regionais de artesanato dentro dos sete municípios que compõem o Litoral paranaense, o que impossibilita ao artesão, divulgar o seu trabalho para um maior público.

Atribuída a valores findados para a comercialização apenas, notei que a produção artesanal está cada vez mais objetivada para o fim utilitário lucrativo, não que isto seja ruim, mas esta marginalizando a raiz destes artefatos, que antes ao pensarmos nas descendências indígenas, africana e a europeia que representam o berço cultural, ainda assim há necessidade de “práticas e visões culturais de determinada comunidade de pessoas e que as distinguem das outras” (GIDDENS, 2005, P.206).

Da cultura indígena veio a vertente dos trabalhos em barro, corda e palha, cuja difusão se deu em função do utilitarismo. Do colonizador europeu herdamos, principalmente, a renda e o labirinto, que aqui se adaptaram ao estilo da população e até hoje decoram ambientes e “encantam” turistas do mundo inteiro. Dos africanos, o maior legado foi a cerâmica cozida, cuja beleza rústica, resistência e ampla funcionalidade contribuíram para a disseminação e manutenção do seu uso até nossos dias.

Possuímos uma grande carga cultural em nossa região, onde elementos da natureza podem e devem ser utilizados para a produção de artesanatos diferenciados e até mesmo a matéria prima pode ser explorada desta natureza rica da mata atlântica. As sementes, as conchas do mar, a areia, troncos caídos, cipós, pedras, existem muitos materiais que podem ser utilizados para a produção do artesanato. Como pudemos ver nas fotos dos

artesanatos produzidos em Guaratuba, muitas das matérias-primas utilizadas na confecção dos trabalhos são extraídas da natureza.

É comum encontrarmos em feiras de rua, artesanatos produzidos apenas com materiais industrializados, como por exemplo, panos de prato, crochê, tricô, biscuit, mosaico, objetos de madeira (compradas cortadas em forma de tabuas, quase prontas para uso), entre muitas outras peças que caminham entre o fazer manual e o capitalismo consumista. Acredito que a busca por matérias primas naturais possam ser além de maior fonte de renda para os produtores artesanais, muito mais originais para a elaboração do artesanato puro, digamos assim. Não que essas produções devam deixar de existir, mas podem abordar temas locais, não pintar mais galinhas e frutas nos panos de prato, mas sim, o pássaro Guará, por exemplo, as bromélias, as araucárias entre tantos outros elementos locais, tão bonitos quanto à natureza europeia ou sei lá qual vem sendo feitas. Com a colonização, diversas técnicas europeias se somaram a essa base cultural, formando uma arte popular e o artesanato que hoje é conhecido nacional e internacionalmente. Com origens portuguesas e relevante influência indígena. (LEMOS, 2011, p. 32).

Diante do exposto, é preciso salientar a necessidade de continuar as pesquisas sobre a valorização do artesanato local para que haja a preservação da cultura histórico-critica. Dentre as linhas prioritárias de atuação já está o forte comercio do artesanato produzido nesta cidade, que é a fonte de renda de muitas famílias.

Dentre as linhas prioritárias de atuação destacam-se a geração de oportunidades de trabalho e renda, o aproveitamento das vocações regionais, o incentivo à preservação das culturas locais e à formação de uma mentalidade “empreendedora” através da preparação das organizações e de seus artesãos para o mercado competitivo. (LEMOS, 2011)

Os resultados apresentados neste trabalho revelam a realidade de uma pequena parcela de artesãos. Sabe-se que existem muito mais artesãos do que estes identificados, sendo interessante ampliar a amostragem para que esta englobe maior número de artesãos que vivem isolados ou afastados da cidade, nas áreas rurais. Quanto à questão da identidade territorial refletida no artesanato local, observa-se que é grande o número de praticantes e de técnicas desenvolvidas a partir de matérias-primas manufaturadas, sendo uma característica principalmente dos que vivem mais próximos dos centros urbanos.

Nas regiões mais afastadas ou isoladas, o artesanato tem um caráter mais regional, com maior utilização de matérias-primas naturais com recursos vindos da mata, dos estuários e do mar. Diante do cenário aqui apresentado, destaca-se a necessidade dos poderes públicos em darem maior atenção ao setor artesanal da região, investindo em capacitação técnica; organização e gestão de grupos. Também há a necessidade de criação de novos espaços coletivos e fixos de comercialização, como também a busca por novos mercados e a divulgação do município e dos produtos do local. Assim, se contribuirá com o aumento da renda e qualidade de vida destas famílias, além de fortalecer sua identidade territorial.

Este estudo pretende dar continuidade em outras possibilidades de renovação, mantendo assim o ritmo das suas atividades, onde as transformações e conquistas do setor se mostram visíveis em planos de ação participativos, e em longo prazo. Contudo, noto que o capitalismo compulsivo e a necessidade de venda das produções geram um efeito de automatismo com a produção de peças similares, como a confecção de produções exclusivas de outras culturas, pela maior procura pelo ornamento.

Ainda assim posso reconhecer que há bons artesãos nesta região, porém a necessidade da venda dos produtos gera um automatismo nas produções. Os artesãos tornam-se cúmplices das tendências e a elas tendem a ditar as regras dos seus fazeres gerando um distanciamento do que é o tradicional, ou seja, do que é passado de geração em geração.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARROSO-NETO, Eduardo. **O que é artesanato: Curso de artesanato**. Disponível em: <http://www.fb.es.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf p.5>. Acesso em 07/03/2015.
- BOLOGNINI, D.S. **Cultura popular: em busca de nossas raízes**. Design e interiores, São Paulo, ano 2, n. 9, p. 100-101, jul./ago. 1988.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.
- CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design**. 2.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- CÓRDULA, R. **Afinal, que é artesanato**. Disponível em: < <http://segundapessoa.com.br/edicoes/1/1.pdf#page=9>>. Acesso em: 01/11/2015.
- CREEDY, J. **O contexto social da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- FLORES, Murilo. **A construção social de territórios e a globalização**. Revista Eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 87-102, ago./dez. 2002.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Sandra Reina Netz. Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição de Virgínia Aita. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 206.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record. Rio de Janeiro, São Paulo. 2004.
- GUARATUBA, Prefeitura de. **Feira de Artesanato de Guaratuba movimentada as noites na Praça Central**. Disponível em: < <http://www.guaratuba.pr.gov.br/portal/index.php/noticias/turismo/379-feira-de-artesanato-de-guaratuba-movimentada-as-noites-na-pra%C3%A7a-central.html>>. Acesso em 04/03/2015.
- HALL, S. (2000). **A identidade cultural na pós modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- KELLER, Paulo; Noronha, Raquel; Lima, Ricardo Gomes. **ARTESANATO, POLÍTICAS PÚBLICAS E IDENTIDADE CULTURAL**. In: V Jornada internacional de Políticas Públicas. São Luiz do maranhão 2011. Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/MESAS_TEMATICAS/ARTESANATO_POLITICAS_PUBLICAS_E_IDENTIDADE_CULTURAL.pdf>. Acesso em 31/03/2015.

LEMOS, Maria Edny Silva. **O ARTESANATO COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E RENDA.** Subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. FORTALEZA-CE, 2011

MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MAZZA, Adriana Carla Avelino; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; FREITAS, Ana Augusta Ferreira de. **O design, a arte o artesanato deslocando o centro.** Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5050>>. Acesso em 07/03/2015.

MENDONÇA, J. Ricardo C. de; BARBOSA, Lourdes; DURÃO, André Falcão. Fotografias como um recurso de pesquisa em marketing: o uso de métodos visuais no estudo de organizações de serviços.

MOURA, Adriana Nely Dornas. **A INFLUÊNCIA DA CULTURA, DA ARTE E DO ARTESANATO BRASILEIROS NO DESIGN NACIONAL CONTEMPORÂNEO: UM ESTUDO DA OBRA DOS IRMÃOS CAMPANA.** Disponível em: <http://www.ppgd.uemg.br/wp-content/uploads/2012/08/Adriana-Nely-Dornas-Moura.pdf>>. Acesso em: 20/10/2015

NATUREZA, D. **O Filtro dos Sonhos.** Disponível em: <<http://naturezadivina.org.br/textos/cultura-indigena/o-filtro-dos-sonhos/>>. Acesso em 01/03/2015.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: origens e instalação.** 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

PAB. **Arte Popular.** Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf>. Acesso em 05/10/2015.

PARANÁ, Governo do Estado. **Artesanato.** Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=189>>. Acesso em: 01/11/2015.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **Artesanato-definições, evoluções-ação do Mtb-PNA.** Brasília, Mtb, 1979.

POSSAS, M. L. **Concorrência schumpeteriana, em: Economia industrial: fundamentos teóricos e práticos no Brasil.** Rio de Janeiro: Elsevier, 3ª. reimpressão, 2002, p. 415-428.

SAPIEZINSKAS, Aline; **Como se constrói um artesão: NEGOCIAÇÕES DE SIGNIFICADO E UMA “CARA NOVA” PARA AS “COISAS DA VOVÓ”.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2012.

SEBRAE. **Transformação de couro de peixe em artesanato conquista prêmio nacional.** Disponível em:

<<https://sebraeartesanato.wordpress.com/2011/10/10/transformacao-de-couro-de-peixe-em-artesanato-conquista-premio-nacional/>>. Acesso em: 04/11/2015.

SULZBACH, Mayra. **O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL NO ARTESANATO DO LITORAL DO PARANÁ.** Disponível em: <

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307739412_ARQ_UIVO_xlconlab.pdf>. Acesso em: 22/10/2015

TEÓFILO, Edson. **Políticas e Instrumentos para fomentar os mercados de terra: lições aprendidas.** Fortaleza: Banco Internacional do Desenvolvimento, 2002.